

## Editorial

Neste volume, pretendemos colocar em pauta um debate sobre as múltiplas formas como as relações de poder se operam na realidade brasileira, o que se torna evidente em diversas produções culturais que aqui são analisadas. Como nossos leitores e leitoras poderão perceber, as dinâmicas das relações de poder desnudam uma série de assimetrias que se mostram presentes em nosso país desde o processo de colonização e que, hoje, se reconfiguram na forma de racismo, homofobia, xenofobia, misoginia e tantas outras formas de opressão, silenciamento e exclusão.

Especificamente sobre o século XIX e sobre a rede de violência que foi perpetrada durante o período da escravatura em nosso país, dois artigos contribuem com análises de grande relevância da obra de Machado de Assis: **“Deus sabe o que faz” - uma abordagem pós-colonialista de “Pai contra mãe”, de Machado de Assis e “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector**, de Renan Silva Magalhães e Gracia Regina Gonçalves e **Retratos da violência no Brasil do século XIX: “Pai contra mãe”, de Machado de Assis**, de Elisângela Aparecida Lopes Fialho.

De um lado, Magalhães e Gonçalves propõem uma leitura comparativa das obras machadiana e clariceana para colocar em evidência a forma como determinados indivíduos são tidos como abjetos e considerados indignos de ocupar um estatuto de humanidade. De forma análoga, Fialho disserta sobre os horrores das punições contra os escravos, denunciados na prosa machadiana. Complementando-se, estes dois trabalhos nos mostram como violência, relações de poder e opressão foram colocados como objeto analítico das argutas lentes de Machado e de Clarice.

Em sequência temática, agora com um olhar que se debruça para a sociedade e para a produção cultural contemporâneas, **Do silêncio à vertigem: a escrita autobiográfica de Herzer**, de Marcus Rogério Salgado e **A voz da periferia através de Sérgio Vaz**, de Lara Barreto Corrêa e Juliana Gervason Defilippo, colocam em pauta questões de gênero, sexualidade, exclusão social e marginalidade. No texto de Salgado, esses eixos nodais são discutidos a partir de uma

leitura da escrita autobiográfica de um homem transexual, em que se torna evidente uma série de questões que nos fazem refletir sobre a construção das subjetividades trans e a forma como são encaradas pelo olhar hegemônico. Já no texto de Corrêa e Defilippo, somos confrontados com o nosso próprio lugar social e a forma como a cultura *mainstream* e a academia lidam com a produção periférica e marginal. Nesse ínterim, noções sobre a própria ideia de arte e estética são colocadas em pauta, ao mesmo tempo que se propõem a questionar o lugar social da produção de autores dos subúrbios e das favelas brasileiras.

Ainda no campo da literatura, três artigos nos fazem refletir sobre as relações entre centro e margem e sobre os lugares que incluem e que excluem: **Narrativa e trabalho em Passageiro do fim do dia**, de Rubens Figueiredo, escrito por Thayllany Ferreira Andrade e Gustavo Abílio Galeno Arnt, **Berenice Azambuja: viva a bombacha, tchê! A perpetuação da tradição gauchesca na composição de autoria feminina**, de Karen Gomes da Rocha e **Literatura e História: As narrativas presentes na historiografia de Goiás**, de Rogério Max Canedo.

No artigo de Andrade e Arnt, vislumbramos um microuniverso urbano opressor, em que os trabalhadores e as classes populares são massacrados por uma arquitetura e uma teia relacional que segrega, delimita espaços rígidos e diz quem é ou não digno de ocupar a cidade. O ônibus, então, emerge como uma metáfora e uma metonímia desse processo. Rocha, por sua vez, nos faz retomar uma questão que é caríssima a crítica e que ronda o feminismo desde suas origens – o lugar da mulher escritora no cânone e as especificidades da escrita feminina. Aqui, são colocadas em xeque discussões que nos remetem à clássica indagação de Virgínia Woolf sobre o espaço cultural, simbólico e material destinado à produção de mulheres.

Analogamente à discussão de Rocha, mas agora sobre a perspectiva das tradições regionais goianas, no artigo de Canedo somos convidados a quebrar os estereótipos, a repensar valores xenofóbicos e revisitar a historiografia de Goiás. Assim, um rico debate se descortina para a percepção de diferentes culturas, estilos de vida e formações subjetivas.

Dois textos fecham o debate aqui proposto, no campo dos estudos literários: **Discurso, construção dos papéis sociais de gênero e sua expressão em violência: uma análise de Esteban Trueba, da obra A Casa dos Espíritos**, dos pesquisadores Marcos Alves de Souza, Franciele Regina Demarchi e Eduardo Matheus Ferreira Lopes, e **A Literatura como desvio**, de Marcos Vinícius Almeida. No primeiro, refletimos sobre uma obra em que subjetividade e coletividade se imbricam e as experiências pessoais e afetivas convergem para um debate de cunho sociopolítico, que problematiza a opressão, a violência e o autoritarismo. No segundo, fazemos uma viagem panorâmica pelo conceito de Literatura como desvio, desde a poética clássica, vislumbrando como a própria definição de literatura se imbrica com uma série de questões inerentes às noções de cópia, simulacro, realidade, ficção – e, conseqüentemente, lugares sociais, pontos de vista e rearticulações de poder.

Cientes de que um dossiê sobre opressão e silenciamento deveria ser democrático e aberto à diferença, optamos por incluir duas análises que, apesar de se deslocarem um pouco do eixo central de nosso debate, se apresentam como ricas contribuições para uma discussão sobre a pluralidade e a polissemia das formações sociodiscursivas. Assim, os textos **A língua que é capaz de incluir ou excluir um indivíduo analisada em textos publicitários da Adidas**, de Gisele Soares Vieira e **Joaquim Tenreiro: Mobiliário moderno artesanal**, de Marcia Campos Bleich, descortinam uma série de outros debates sobre vanguardismo, resistência e combate à opressão.

No texto de Vieira, é possível perceber as relações de poder que se evidenciam nas entrelinhas dos discursos, prendendo-nos em armadilhas que reforçam os estereótipos de gênero e as definições hegemônicas sobre os corpos e subjetividades. Já no artigo de Bleich, conhecemos o trabalho inovador de Joaquim Tenreiro, que reconfigura certa visão sobre o mobiliário e o espaço doméstico, nos fazendo realocar os conceitos de tradição e modernidade.

Em conjunto, os artigos aqui elencados apresentam um panorama diverso e enriquecedor de debate sobre questões de extrema relevância para as Letras e as Artes brasileiras. Além disso, inserem-se como modos de repensarmos a sociedade brasileira

contemporânea em suas mais diversas faces, questionando o conservadorismo, a opressão e os discursos excludentes – que insistem em se infiltrar pelas frestas das mais diversas práticas sociais, assombrando as conquistas individuais e coletivas e a convivência democrática e plural.

Aos leitores e leitoras, uma leitura instigante e reflexiva!

Os editores.